

PERFIL DO CANAVIEIRO E RELAÇÕES DE TRABALHO NA ATUAL AGROINDÚSTRIA AÇUCAREIRA DE ALAGOAS

Alice Anabuki Plancherel¹
Allan Souza Queiroz²
Bárbara Suellen Santos da Silva³
Charles dos Santos⁴

Introdução

Nossa pesquisa trata de uma investigação preliminar das condições de vida e de trabalho dos cortadores de cana-de-açúcar do estado de Alagoas. Procuramos delinear um perfil das condições sociais e laborais destes a partir de uma pesquisa exploratória em território alagoano. Em um primeiro momento, nos chamou atenção a ausência de pesquisas no campo da Sociologia do Trabalho, que se debruçasse especificamente sobre a categoria basilar deste setor. Logo, procuramos investigar a partir da realidade empírica, as relações de trabalho agrícolas na agroindústria açucareira alagoana, suprimindo assim uma lacuna de produção de conhecimento sobre uma fração da classe trabalhadora, nunca abordada pela academia do ponto de vista sociológico em Alagoas. O intuito do levantamento foi de apreender os mecanismos através dos quais se intensifica a exploração da força de trabalho canavieira (principalmente depois da desregulamentação estatal da atividade sucroalcooleira e da desregulamentação da economia brasileira em geral), presente tanto no momento da atividade do corte da cana, como para além desta, nos diversos momentos do cotidiano laboral dos canavieiros.

Para tanto, realizamos de entrevistas por meio de questionários semi-estruturados que perpassavam as problemáticas com que pretendíamos entrar em contato: “Quem é o trabalhador canavieiro?” foi nossa questão cadente, que se desdobrava em outras perguntas do questionário.

Nas entrevistas privilegiou-se alguns aspectos centrais como: características socioeconômicas, as formas de reprodução social dos mesmos, sua trajetória laboral, as condições de trabalho e a saúde do trabalhador canavieiro.

O levantamento das informações empíricas foi feito em diferentes momentos, a

¹ Membro do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e líder do Grupo de Pesquisa/CNPq Trabalho e Capitalismo Contemporâneo (plancherel@uol.com.br).

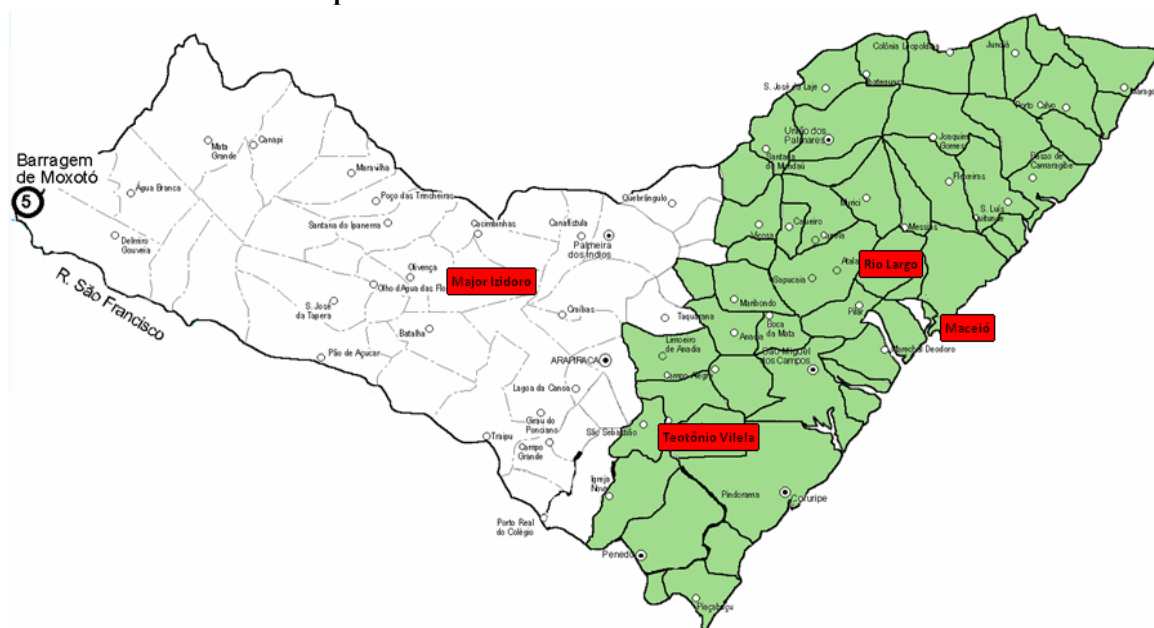
² Graduando de Ciências Sociais/UFAL, bolsista de Iniciação Científica/PIBIC/UFAL e membro do supracitado Grupo de Pesquisa (autreissue@gmail.com).

³ Graduanda de Ciências Sociais/UFAL, colaboradora de Iniciação Científica/PIBIC/UFAL e membro do supracitado Grupo de Pesquisa (barbara.csociais@yahoo.com.br).

⁴ Graduando de Ciências Sociais/UFAL, bolsista de Iniciação Científica/PIBIC/FAPEAL e igualmente membro do supracitado Grupo de Pesquisa (charlagoano@hotmail.com).

saber: novembro de 2007, julho e agosto de 2008, e entre os meses de abril e outubro de 2009. Foram feitas 26 (vinte e seis) entrevistas com canavieiros, em quatro municípios diferentes do estado de Alagoas (conforme Mapa 01), e a escolha dos locais se deu em virtude de: primeiramente, escolher locais representativos, com grandes concentrações de canavieiros, como na Zona da Mata alagoana onde se desenvolve historicamente a economia açucareira (região destacada em verde no Mapa 01 que abriga 57 dos 102 municípios alagoanos), onde se localiza o município de Teotônio Vilela, a região metropolitana de Maceió em Rio Largo e um bairro de periferia da capital, o Denisson Menezes. Foi feita pesquisa de campo também no sertão de Alagoas, no município de Major Izidoro, para levantar as condições de vida e de trabalho dos canavieiros sertanejos, que se deslocam para a zona da mata na época da safra do corte da cana-de-açúcar e na entressafra retornam a seus municípios de origem e retomam a atividade de pequenos produtores em roçados próprios ou de terceiros. Também foi possível entrevistas com mulheres de canavieiros, bem como com cabos, os chefes de turmas de canavieiros na capital e em Teotônio Vilela.

Mapa 01: Zona canaveira e local das entrevistas



Pretendemos ao longo do trabalho apresentar alguns aspectos da realidade empírica que pudemos levantar na pesquisa de campo *pari passu* à discussão sobre alguns elementos da precarização do trabalho nos canaviais, presentes inclusive na literatura especializada a respeito.

1. Características socioeconômicas dos canaveiros alagoanos

Do contingente pesquisado, 73% é natural de municípios da Zona da Mata alagoana, região do estado onde se desenvolve o universo dos canaviais, conforme demonstrado no Mapa 01. Ainda referente ao nosso universo de 26 canaveiros entrevistados, o mesmo se compõe em sua maioria de homens (92,3%), de maior concentração na faixa etária entre 26 a 45 anos (conforme demonstram os Gráficos 01 e 02). Em relação ao nível de escolaridade dos mesmos, 46,2 % dos canaveiros não têm instrução, outros 46,2% só têm o fundamental incompleto e do restante, 7,7%, não foi identificada a escolaridade.

Gráfico 01: Gênero da categoria

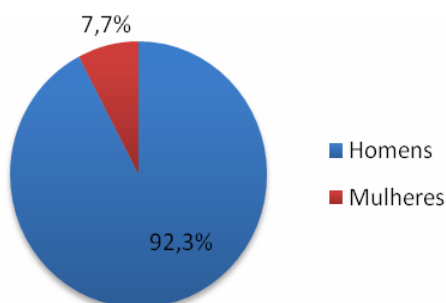
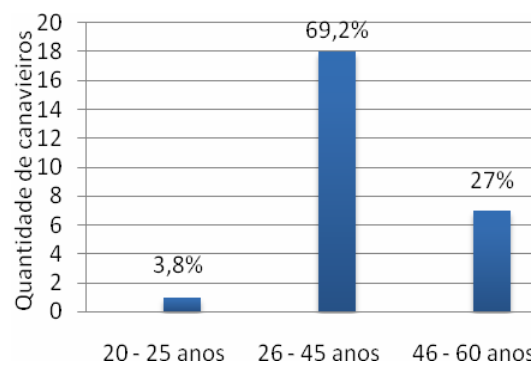


Gráfico 02: Faixa etária dos canaveiros



Em termos de estado civil, a maioria dos canaveiros é casada (84,6%) e possui um núcleo familiar concentradamente pequeno, na faixa de um a quatro filhos (conforme demonstrado no Quadro 01 e Gráficos 03 e 04), contrariando a noção geral de que as famílias de trabalhadores rurais têm em geral uma prole bastante numerosa.

Gráfico 03: Estado civil dos canaveiros

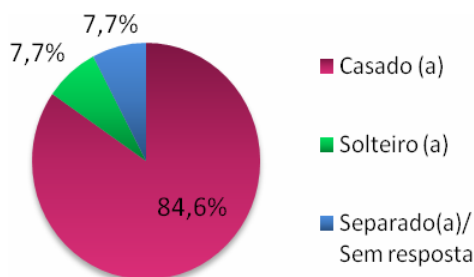
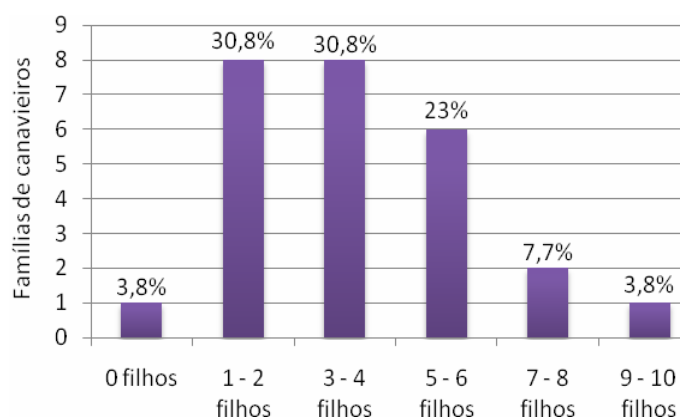


Gráfico 04: Quantidade de filhos por família de canaveiro



Quadro 01: Prole das famílias dos canavieiros

Quantidade de Filhos	Famílias		Subtotal de Filhos	
	Quantidade	%	Quantidade	%
1	4	15,4	4	4,3
2	4	15,4	8	8,6
3	7	27	21	22,5
4	1	3,8	4	4,3
5	4	15,4	20	21,5
6	2	7,7	12	13
7	1	3,8	7	7,5
8	1	3,8	8	8,6
9	1	3,8	9	9,7
Sem filhos	1	3,8	-	-
TOTAL	26	100	93	100

Ainda sobre o núcleo familiar canavieiro, o Quadro 01 nos fornece uma dimensão das famílias canavieiras em quantidade de filhos. No tocante à idade dos filhos dos canavieiros, 37,6% são constituídos por menores de idade (Quadro 02). Os filhos maiores de idade, em sua maioria, desempenham atividades no setor de serviços urbanos, nos municípios onde habitam.

Quadro 02: Faixa etária dos filhos

Filhos	Quantidade	%
Abaixo de 1 ano	-	-
2 – 5 anos	4	4,3
6 – 10 anos	7	7,5
11 – 17 anos	24	25,8
18 – 25 anos	13	14
26 – 32 anos	3	3,2
Sem especificação de idade	42	45,2
TOTAL	93	100%

Pudemos também observar que, pelo menos 57,7% dos entrevistados recebem o Bolsa Família do Governo Federal (Gráficos 05 e 06), utilizado como pôde ser percebido na pesquisa empírica, como forma de complementação de renda da família do cortador de cana, tanto na safra como na entressafra. O benefício geralmente é recebido em nome das mulheres dos canavieiros e seu valor varia de acordo com a renda *per capita* da família⁵.

⁵ A renda da família é calculada a partir da soma do dinheiro que todas as pessoas da casa ganham por mês (como salários e aposentadorias). Esse valor deve ser dividido pelo número de pessoas que vivem na casa, obtendo assim a renda per capita da família. Podem fazer parte do Programa Bolsa Família as famílias com renda mensal de até R\$ 140 (cento e quarenta reais) por pessoa devidamente cadastradas no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico). As famílias que possuem renda mensal entre R\$ 70,01 e R\$ 140,00, só ingressam no Programa se possuírem crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos. Já as famílias com renda mensal de até R\$ 70,00 por pessoa, podem participar do Bolsa Família - qualquer que seja a idade dos membros da família. Disponível em: http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/o_programa_bolsa_familia/criterios-de-inclusao. Acesso em: 05/04/2010.

Gráfico 05: Recebe Bolsa família?

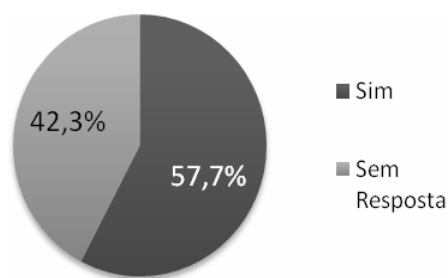
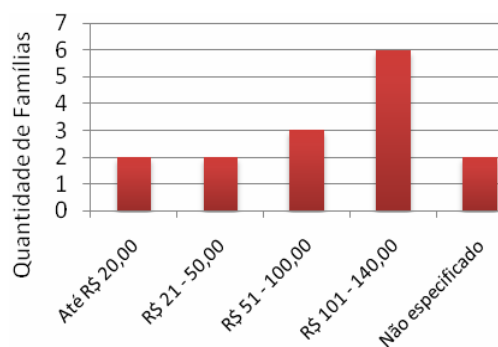
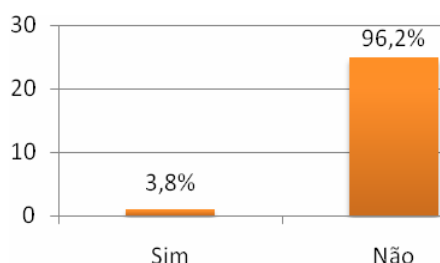


Gráfico 06: Valor do Bolsa Família recebido



Outra informação levantada junto aos canavieiros foi se algum(ns) de seus filhos trabalhavam ou chegaram a trabalhar no corte de cana, bem como os depoimentos dos próprios cortadores sobre a expectativa do futuro profissional dos mesmos. A atividade do corte da cana em si é pouco desempenhada entre a prole dos canavieiros como uma maneira de subsistência; foi recorrente a opinião entre os próprios cortadores de que aquela atividade não servia para seus filhos. Da quantidade de canavieiros cujos filhos foram ou também são cortadores, apenas 3,8% dos cortadores responderam sim à pergunta, conforme abaixo:

Gráfico 07: Algum filho (a) trabalhou ou trabalha no corte de cana?



Ou seja, a atividade no corte da cana é praticamente inexistente entre os filhos dos canavieiros; apenas 1 (1,07%) do total de 93 filhos, trabalha ou já trabalhou no corte da cana. E quando perguntados sobre o futuro profissional dos filhos, alguns canavieiros remetem à esperança de que os mesmos, ao menos consigam uma oportunidade de trabalho que não a de cortador de cana, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

- Ah eu gostaria que ele se formasse e tivesse um bom emprego, pra não sofrer que nem eu já sofri [...] Ah, engenheiro, técnico agrícola, ou veterinário mesmo.⁶

⁶ Entrevista concedida aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Trabalho e Capitalismo Contemporâneo no município de Major Izidoro - AL, em 11/07/09.

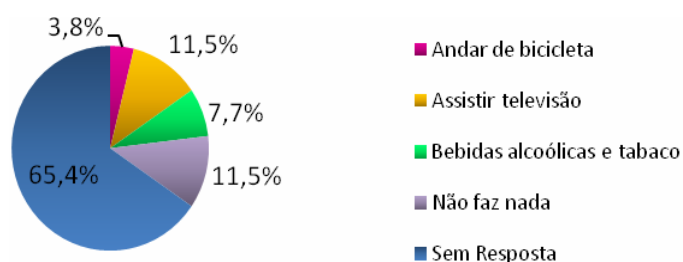
- *Eu gostaria que eles arrumassem um emprego para trabalhar [...] Eu nem sei dizer [...] Empregado em qualquer serviço.*⁷

- *Gostaria que eles fossem agrônomo, engenheiro ou arquiteto. Eu não gostaria que eles fossem cortadores de cana.*⁸

- *A profissão que todo dia eu digo, falo pra eles, estudem para não seguir o que eu segui. Porque é uma profissão que não existe entendeu?*⁹

Quando perguntamos aos canavieiros que faziam para se divertir nas horas vagas, percebeu-se que os mesmos usufruem de atividades de lazer pouco, ou muito pouco, pois seu cotidiano está em boa parte voltada às atividades laborais, pelo menos durante a época da safra, em que os mesmos chegam ao local de trabalho por volta das seis horas da manhã e só voltam para casa aproximadamente às cinco da tarde, isso quando não têm seu serviço estendido até as sete da noite¹⁰. Com isso, para os trabalhadores do corte da cana, a prática de lazer está relacionada ao que eles chamam de “estar parado”, e essa condição não tem a ver apenas com o fato de não terem emprego durante ou após a safra; a expressão tem a ver também com a preguiça ou o não aproveitamento do tempo em algo que demonstre “ter futuro”. Dessa forma, praticar atividades referidas ao lazer ainda é visto como privilégio dos grupos mais abastados. Ao trabalhador caberia somente o descanso para poder estar “novo” no dia seguinte e assim produzir divisas para o capitalista (SANTOS, 2009). O Gráfico 08 apresenta dados sobre as práticas de lazer que são bastante comuns entre os canavieiros:

Gráfico 08: Atividades de lazer dos canavieiros



2. Trajetória laboral dos canavieiros

⁷ Idem.

⁸ Entrevista concedida aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Trabalho e Capitalismo Contemporâneo no Denisson Menezes, município de Maceió - AL, em 20/07/09

⁹ Idem, em Agosto de 2009.

¹⁰ Um dos entrevistados de Teotônio Vilela relatou que certa vez a turma de trabalhadores da qual fazia parte parou o serviço às 16:00 horas; quando todos estavam no transporte para voltar para casa, o administrador pediu que descessem para continuarem trabalhando.

Quando perguntados sobre o que faziam antes de se tornarem cortadores de cana, 65,4% (17 entrevistados) desempenharam atividades rurais em sua trajetória laboral. Dado que nos chamou a atenção, uma vez que a outra parte dos entrevistados desempenhou em sua trajetória laboral atividades notadamente urbanas, demonstrando que a vinculação da categoria que estamos pesquisando ao universo do trabalho rural não se dá de forma homogênea em suas biografias individuais (Quadro 03).

Quadro 03: Atividades laborais desempenhadas pelos cortadores de cana

Setor	Descrição	Quantidade	%
Agrícola	Trabalho em roçado (por conta própria ou de outrem), limpador de mato, cabo de guia.	10	38,5
	Sempre cortou cana	5	19,2
Agropecuária	Vacaria	2	7,7
Industrial (parte fabril da Usina)	Ajudante de caldeiraria	1	3,8
Serviços Urbanos	Servente de pedreiro, ajudante, açougueiro, doméstica, vigia, lavador de carro, faxineiro, carroceiro, pescador e vendedor de peixe e passador de notas em granja	8	30,8

Apesar disto, quando perguntados com qual profissão os entrevistados se identificavam, dos 26 entrevistados, cerca de 46,2% deixa claro que se consideravam genericamente um trabalhador rural, e não cortador de cana (vide Gráfico 09). O objetivo da questão se pôs em virtude de querermos captar sob qual forma o cortador de cana se percebe e se auto-identifica socialmente no próprio trabalho.

Gráfico 09: Sob que atividade laboral o canavieiro se identifica?



É bem sabidas as condições objetivas do trabalho do cortador de cana: uma atividade marcadamente pesada, um trabalho duro, desqualificado, que encerra aspectos crescentemente precarizados, dada a intensidade da jornada de trabalho e demais aspectos constitutivos do trabalho agrícola como a fuligem e o forte cheiro da cana-de-açúcar queimada, que afetam a sua saúde, e as palhas das canas que lhes ferem o corpo. Nessa pergunta de cariz subjetivo (Gráfico 09), é notável que os mesmos se eximem da auto-identificação como cortadores de cana. A categoria *trabalhador rural*, portanto, seria uma

auto-representação que os dignificaria para além do “trabalhão pesado e desqualificado” (SANTOS, 2009) que a condição de cortador de cana caracteriza. O canavieiro internalizou, assim, a representação social que se faz da desvalorização de seu trabalho, renegando-a em seu próprio ser-sujeito do trabalho. As seguintes afirmações de três canavieiros nos parecem ilustrar bem essas questões:

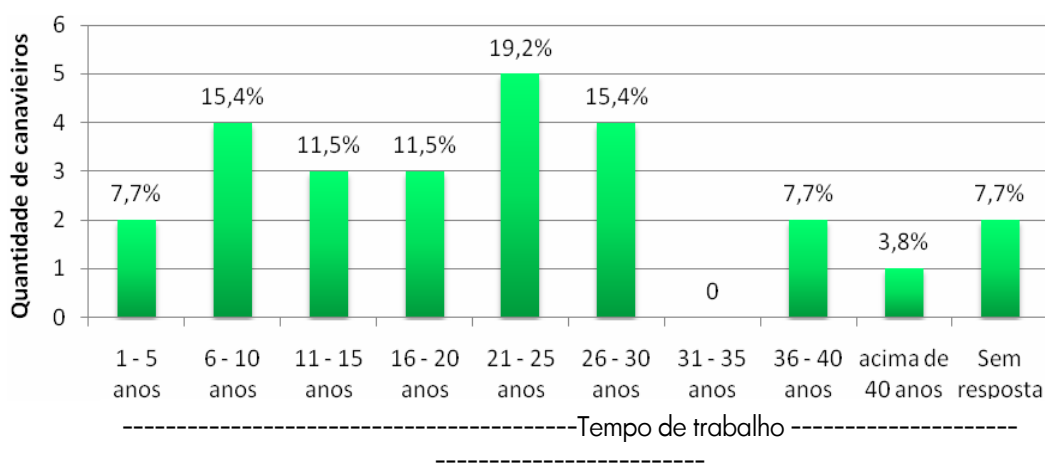
- [...] serviço que maltrata muito as pessoas e no final da história a gente só vive de pior a pior.¹¹

- [...] corta cana por que é o jeito, mas é o pior de todos os serviços porque o trabalhador “se estrompa” muito.¹²

- Cortar cana é a última opção. Acho que não tem quem goste de cortar cana.¹³

Sobre o tempo de atividade laboral exercido no corte da cana, 73% dos canavieiros, dentre os 26 entrevistados, cortaram cana entre 6 a 30 anos do tempo total de sua vida (Gráfico 10), levando a crer que, a partir da faixa etária predominante dos mesmos, de 26 a 45 anos, eles passaram a maior parte de sua vida trabalhando nesta atividade, e a própria pesquisa empírica nos mostra que em sua maioria, os cortadores de cana começaram as atividades ainda muito cedo, quando criança, levado pelos pais ao campo de trabalho para auxiliá-los no corte da cana¹⁴.

Gráfico 10: Tempo de vida no corte da cana



3. Características das condições atuais de trabalho nos canaviais

¹¹ Entrevista concedida aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Trabalho e Capitalismo Contemporâneo no município de Major Izidoro - AL, em 11/07/09.

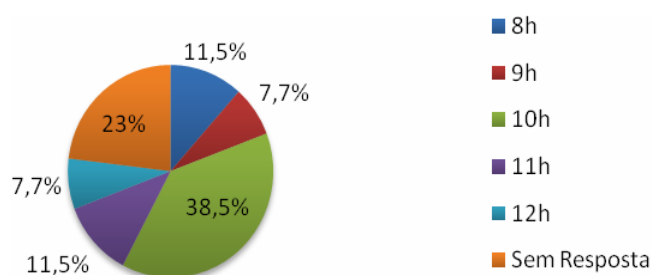
¹² Entrevista concedida aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Trabalho e Capitalismo Contemporâneo no município de Teotônio Vilela - AL, em 11/04/09.

¹³ Idem, em 04/10/09.

¹⁴ Na nossa pesquisa de campo, coletamos a informação de que seis cortadores começaram a acompanhar seus pais no corte da cana com as idades de 7, 9, 12, 13, 14 e 15 anos.

O trabalho safrista nos canaviais é caracteristicamente um trabalho combinado de centenas de cortadores de cana durante a safra em Alagoas, que se dá entre os meses de Setembro a meados de Março, e conta com um contingente aproximando de 1.000 (mil) canavieiros¹⁵. Em geral, nos canaviais alagoanos, o recrutamento dos trabalhadores é feito pelos cabos de turma, desde a proibição da figura dos intermediários, os chamados “gatos”¹⁶, na contratação dos cortadores de cana. Os cabos são trabalhadores das usinas e atuam enquanto intermediários entre os canavieiros e os usineiros, na contratação direta dos trabalhadores para o plantio e corte da cana-de-açúcar, com registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS). Cada cabo trabalha com turmas compostas de 50 canavieiros em média por safra. Ou seja, espalhados por um canavial estão aproximadamente 25 turmas de canavieiros, que de acordo com nossa pesquisa em campo, trabalham entre 8 a 12 horas diárias (conforme Gráfico 11), no sistema 5/1, de cinco dias corridos de trabalho e um de descanso¹⁷.

Gráfico 11: Duração da jornada de trabalho



Relacionada à jornada de trabalho, podemos identificar um mecanismo legal, resultado da desregulamentação do mercado de trabalho¹⁸, que vem ao encontro da precarização do trabalho nos canaviais. Como podemos perceber no Gráfico 11, 65,4% dos

¹⁵ Estimativa informada pelo cabo de turma, entrevistado no município de Teotônio Vilela, referente à Usina Seresta localizada no mesmo município, em 04/10/09.

¹⁶ A proibição dos “gatos” se deu em um acordo efetuado sob a forma de um Termo de Compromisso assinado pelo Presidente da República e demais órgãos do Governo Federal junto ao setor agroindustrial em 25/06/2009. Disponível em: http://www.reporterbrasil.org.br/box.php?id_box=328. Acesso em: 15/04/2010.

¹⁷ Informações obtidas na entrevista realizada com cabo de turma no município de Teotônio Vilela em 04/10/09.

¹⁸ Segundo Cardoso Jr. (2001), a desregulamentação do mercado de trabalho – caracterizada pela flexibilização das leis na condição de uso da força de trabalho, que permite por exemplo, a contratação de trabalhadores por tempo determinado e a criação do banco de horas – é um dos momentos de um processo denominado *desregulação do mercado de trabalho*, em curso no Brasil desde meados dos anos 1980 e aprofundado nos anos 90. Tal processo também encerra a desestruturação do mercado de trabalho – caracterizado pelo aumento vertiginoso do setor de serviços, por um aumento “não desprezível” dos níveis de desemprego e desocupação e pela precarização dos postos de trabalho, agora informais, temporários e flexibilizados.

canavieiros que responderam à questão trabalham mais de 8 horas por dia. Estas horas, que compreendem o período das horas extras ficam armazenadas num *banco de horas* e devem ser pagas no prazo máximo de 120 dias, ou seja, 04 meses. De depoimentos recolhidos junto aos canavieiros, menciona-se a irregularidade de determinadas usinas no pagamento desse trabalho extra. Numa das entrevistas, o canavieiro relata que, quando devia ser pago as horas extras acumuladas no *banco de horas*, alegavam os prepostos da usina, tê-las transferido para um *banco velho*, fazendo surgir um novo *banco de horas*, e que assim, zerado, se renovava novamente de três em três meses. Logo, constatam os canavieiros a respeito que terminavam sem receber nenhum valor referente às horas extras acumuladas neste *banco de horas*, nem sob a forma de pagamentos extras e nem sob a forma de folgas remuneradas. Em seu lugar, surgem ao final da safra, a prática patronal de “premiações”, cujas razões ignoravam o canavieiro, sob a forma de sorteios de equipamentos elétricos e eletrônicos, cestas básicas, bicicletas, etc.¹⁹; há casos em que, sob um clima de festividade, tais “prêmios” são concedidos especialmente àqueles cortadores de maior produtividade no trabalho, alcunhados “facões de ouro” ou “campeões de produtividade”, constituindo-se assim no incentivo ao aumento da produtividade e, conseqüentemente, na intensificação da exploração da força de trabalho²⁰.

Os canavieiros contratados são, em sua maioria, instruídos para o corte da cana-de-açúcar, segundo padrões de exigência que lhe são previamente determinados. Isto é, a forma adequada de agarrar os feixes de cana para o corte bem rente ao chão, a forma de amolar os podões com a lima, a arrumação nas fileiras centrais das ruas – por onde passam as colhedeiças mecanizadas – dos “molhos” da cana cortada, forçando-os muitas vezes a percorrer razoáveis distâncias entre a fileira do corte à fileira da arrumação etc.; são também obrigados a cortar a palha superior dos “molhos” da cana, pois a mesma prejudica na extração da sacarose, diminuindo a produtividade da matéria-prima. Em alguns casos, principalmente na entressafra, deles é exigido também alguns trabalhos referentes ao plantio da cana-de-açúcar, tais como o corte da cana semente, a “amarração” das canas cortadas, e a retampa após o plantio da semente na terra.

¹⁹ Entrevista concedida aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Trabalho e Capitalismo Contemporâneo no município de Major Izidoro - AL, em 11/07/09.

²⁰ É o caso da Usina Coruripe que na safra 2007/2008 premiou os cinqüenta melhores cortadores de cana com equipamentos eletrônicos. O primeiro lugar alcançou uma média de 16,05 toneladas/dia e ganhou uma televisão nova 29 polegadas. Disponível em: <http://www.empat.com.br/noticia-completa.php?id=203>. Acesso em: 03/04/2010.

Para a execução do corte da cana, os canavieiros como acima explanado, utilizam instrumentos que se resume ao podão e a lima, além claro dos equipamentos de segurança, os equipamentos de proteção individual (EPI's). Identificamos em nossa pesquisa empírica que inclusive os instrumentos de trabalho passam por um processo de precarização, a saber, sua utilização em condições não apropriadas que acabam por intensificar a atividade do corte da cana. Nas pesquisas empíricas, alguns canavieiros no relataram serem os responsáveis pela reposição de seus instrumentos de trabalho, como no caso da lima, e nesse sentido, como não são capazes de fazer a manutenção necessária destes instrumentos, devido o custo, eles acabam por diminuir a utilização das limas para que as mesmas durem por mais tempo. Um cortador no município de Teotônio Vilela nos conta: “*se a gente não pagasse [a lima] era para ser uma de 15 em 15 dias*”²¹. A lima era fornecida uma única vez no começo da safra, no entanto, é inutilizada rapidamente e precisa ser repostada. Ele nos contou que, como tem que pagar por elas, acaba poupando a sua utilização e só faz uso de 3 por safra. Tal fato decorre na intensificação do trabalho, uma vez que os podões sem a devida afiação exigem dos cortadores mais golpes, exigindo, portanto, mais dispêndio de força física.

No tocante às formas de contratação dos cortadores de cana, o setor sucroalcooleiro aparentemente vem burlando menos a legislação trabalhista, a partir das incidentes fiscalizações por parte do Ministério do Trabalho, a exemplo de uma força-tarefa intitulada ***Operação Zumbi dos Palmares***, ocorrida nos canaviais alagoanos de Fevereiro a Março de 2008. Tal operação encontrou 656 cortadores de cana em condições degradantes de trabalho em 14 das 26 usinas alagoanas e “libertou-os” de condições análogas ao trabalho escravo²². O setor passa a empregar com maior regularidade trabalhadores com carteira assinada e por contratos flexíveis por tempo determinado. Apesar disso, a nossa pesquisa detectou a existência de cortadores de cana que trabalham “clandestinamente”, isto é, sem carteira assinada, desprovidos portanto de qualquer direito trabalhista, sobretudo nos canaviais de fornecedores de cana-de-açúcar. Quanto às formas de trabalho por carteira assinada, a tendência tem sido, segundo informações levantadas junto a um engenheiro agrônomo da Usina Santa Clotilde (Rio Largo/AL), de que a cada safra, do total de 2.000

²¹ Entrevista concedida aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Trabalho e Capitalismo Contemporâneo no município de Teotônio Vilela - AL, em 11/04/09. Nesta o cortador relatou que o preço unitário da lima era de R\$ 10,00.

²² Cf. O Brasil dos Agrocombustíveis: Impactos das Lavouras sobre a Terra, o Meio e a Sociedade - Cana-de-açúcar. 2008. Disponível em: http://reporterbrasil.org.br/documentos/o_brasil_dos_agrocombustiveis_v3.pdf. Acesso em: 03/04/2010.

cortadores de cana na referida usina, 1.000 são contratados por tempo determinado e 1.000 por tempo indeterminado²³.

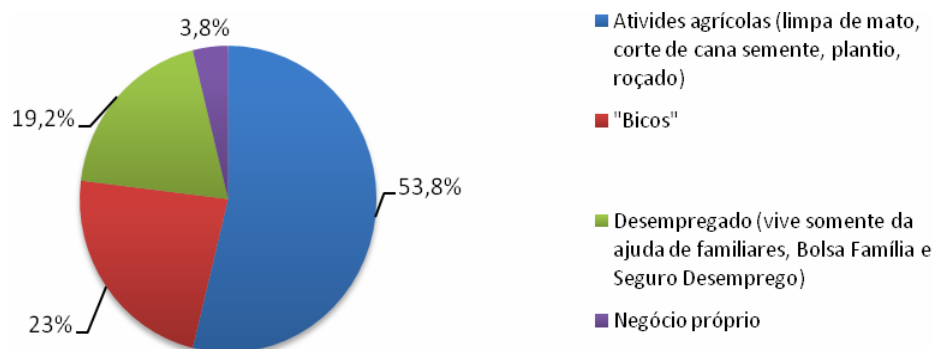
Esse caráter temporário da atividade do corte da cana é marcante e configura, paralelo a institucionalização dos contratos por tempo determinado, a caracterização dos canavieiros enquanto “permanentemente temporários” (PLANCHEREL; ALBUQUERQUE; MELO, 2010). Na nossa pesquisa, no entanto, apenas 19,2% (cinco) dos canavieiros tinham a certeza de que voltariam, após o período da demissão na entressafra, ao trabalho na próxima safra. Outra parte dos entrevistados, 77% (vinte), compunha uma força de trabalho que não soube informar se teria emprego na outra safra. Ademais, apesar de em nossa pesquisa de campo só havermos entrevistado um canavieiro (3,8%) que era contratado por tempo de trabalho indeterminado, ou seja, trabalhava na safra cortando cana-de-açúcar e na entressafra permanecia contratado, desempenhando atividades agrícolas nos canaviais como o plantio de cana e a limpa de mato, é recorrente a existência nas agroindústrias de muitos trabalhadores contratados por tempo indeterminado.

Próximo do término da safra, como a necessidade do corte da cana cai vertiginosamente nos canaviais, um contingente numeroso de cortadores é dispensado de sua atividade, nas agroindústrias alagoanas. Na nossa pesquisa, esse período de desemprego é interessante para problematizar as especificidades desta categoria. Ela é, mormente seus períodos de desemprego, partícipe do desemprego estrutural, o que caracterizaria a atividade de cortador de cana enquanto uma mera atividade como os “bicos” que os mesmos fazem durante a entressafra? Ou a atividade nos canaviais, a despeito de suas opiniões, que se esforçam em coro quase que em uníssono, para não se identificarem enquanto cortadores de cana, é realmente uma atividade central na vida dos mesmos? O que pudemos apreender sobre o momento da entressafra, é que boa parte dos canavieiros se encontram inseridos no mercado de trabalho informal sem as prerrogativas trabalhistas dos contratos de trabalho formais, seja pela forma de “bicos” ou por um negócio próprio (Gráfico 12). Outra parte é constituída por aqueles que não conseguem se inserir no mercado de trabalho e, durante a entressafra, vivem unicamente por meio da ajuda de familiares, pelo Seguro desemprego e pelo Bolsa Família, como nos relatou 19,2% dos entrevistados. E do total de canavieiros que na entressafra desempenham atividades agrícolas (53,8%), retornando aos canaviais ou trabalhando em roçados

²³ Informações colhidas em 12/11/2007, na Usina Santa Clotilde no município de Rio Largo.

particulares ou de terceiros, pelo menos 19,2% (cinco deles) afirmaram trabalhar “clandestinamente”, ou seja, sem carteira assinada. E ainda que na entressafra os canavieiros tentem sob diversas atividades laborais buscarem sua subsistência, do total dos 26 entrevistados, pelo menos 61,5% complementam suas rendas pelo recebimento do Bolsa Família e do Seguro Desemprego.

Gráfico 12: De que forma o senhor sobrevive durante a entressafra?



4. Desvalorização do trabalho e condições de saúde dos canavieiros

A desvalorização do trabalho do canavieiro não se dá somente pela representação social que se faz do mesmo tendo em vista as condições precárias que constituem o momento da atividade, mas muito em virtude da baixa remuneração dos cortadores de cana. Esta se dá por meio do salário por produção, forma praticada na maioria das agroindústrias e que remunera o cortador por metros/toneladas (*m/t*) que o mesmo produza em uma jornada diária de trabalho. Verificamos na Usina Santa Clotilde, localizada no município alagoano de Rio Largo, que o salário por produção encerra o pagamento “progressivo” por produção, prática patronal desenvolvida na maioria das agroindústrias e que atribui diferentes preços às toneladas cortadas, de acordo com o *quantum* produzido diariamente pelo trabalhador. Neste pagamento “progressivo” encontramos que:

- até 5 t = R\$ 3,00;
- de 5 a 7 t = R\$ 3,30;
- acima de 7 t = R\$ 3,50.²⁴

Este sistema de pagamento sugere ao cortador que quanto mais o mesmo corte, mais ele vai ganhar diariamente. No entanto, uma reflexão mais atenta nos faz perceber que o que ocorre é justamente o inverso. Vejamos como acontece: segundo o pagamento

²⁴ Informações colhidas em 12/11/2007, na Usina Santa Clotilde no município de Rio Largo.

“progressivo” por produção da supracitada usina, vamos supor que um cortador X tenha cortado 5 toneladas em uma jornada de trabalho, totalizando R\$ 15,00 reais, enquanto que o cortador Y durante a mesma jornada de trabalho, tenha cortado 10 toneladas, totalizando R\$ 35,00 reais. Aparentemente pode-se dizer que o ganho do que cortou mais foi real, afinal ele teve uma maior produção, e está ganhando mais do que o dobro daquele que cortou a metade. Porém, não podemos nos esquecer de um fator: de 5 para 10 toneladas, há um aumento de 200% na produção, no entanto, a remuneração entre um *quantum* e o outro, de R\$ 3,00 para 3,50, só aumenta aproximadamente 17%. Isso é um ganho irrisório em matéria de remuneração, ao mesmo tempo em que é uma diferença de dispêndio de energia enorme, o corte de 5 para 10t. Ou seja, quanto mais corta, quanto mais o cortador é incentivado a intensificar sua produção, menos o mesmo ganha, culminando na desvalorização dos salários dos canavieiros. Este sistema de pagamento leva a uma intensificação do trabalho, uma vez que o aumento da produtividade é encarado pelo cortador de cana enquanto melhoria em sua remuneração, levando-os ao excesso de trabalho. Esse sistema de remuneração consiste, portanto, numa intensificação do ritmo de trabalho, concomitantemente a desvalorização do valor da força de trabalho.

É o trabalho por produção que leva o canavieiro a tocar os limites de sua resistência tanto física quanto mental, no intuito de alcançar as metas impostas pela usina e garantir seu emprego. Há por conta disso um grande dispêndio de energia, o qual é sentido pelo trabalhador quando este tem dores como câimbras, problemas na região da coluna e em outras partes do corpo (braço, mão, pernas). Aliado a isso há a aquisição de dificuldades respiratórias devido à inalação do pó das queimadas e o desenvolvimento de alergias dado o contato com produtos agrotóxicos. O excesso do trabalho desempenhado pelo canavieiro, o qual pensa que quanto mais corta mais ganha, acaba por colocar em risco sua saúde e muitas vezes sua própria vida, como bem pode demonstrar a literatura referente ao assunto, relatando vários casos de óbito na produção em meio aos canaviais. O quadro abaixo mostra que metade (50%) dos cortadores de cana entrevistados sente dores no corpo, e 35% apresentam algo que é muito corriqueiro entre esses trabalhadores, a câimbra ou “canguru”, como também é conhecida.

Quadro 04: Enfermidades mais comuns entre os canavieiros

Enfermidades	Quantidade de canavieiros	%
Dores no corpo (braço, pernas, coluna)	13	50
Câimbras	09	34,6
Náuseas	03	11,5
Cortes	03	11,5
Tontura	01	3,8

Foi visto, a partir das entrevistas, que o trabalho no corte de cana é o maior responsável pelo surgimento ou agravamento de enfermidades. De acordo com Alessi & Navarro (1997), “é impossível negar o quanto o trabalho do cortador de cana é árduo”. Além de expor a pessoa a todo tipo de intempéries, como o contato com altas temperaturas, o risco de acidentes com animais peçonhentos e a intoxicação por agrotóxicos, submete-o a ritmos bastante acelerados, já que o pagamento se dá por tarefa realizada. Em relação a isso, foram notados dois pontos bastante emblemáticos:

1º) mesmo o trabalho por produção sendo um fator que contribui bastante para a degradação física e psíquica dos cortadores de cana, estes preferem esse tipo de pagamento a outros, como a diária; e

2º) é comum encontrar trabalhadores que vão para os eitos mesmo adoentados, conforme entrevistas coletadas.

Em relação ao primeiro ponto, pode-se afirmar que dadas as condições econômicas, culturais e sociais em que o canavieiro se encontra, ele se apega ao pagamento por produção como se este fosse o único modo viável de remuneração. Durante as entrevistas houve relatos que deixam patente a resistência dos trabalhadores a outras formas de pagamento, sendo estas últimas colocadas algumas vezes como “coisa de preguiçoso”. Como o trabalho no corte da cana é sazonal, a incerteza sobre a vida após a safra faz com que os cortadores cheguem ao extremo de sua resistência no trabalho, isso com vistas a “tirar” o suficiente tanto para se manter nos meses da safra como para a fim de garantir sua manutenção também no período da entressafra.

A respeito do segundo ponto, ficou visto na pesquisa de campo que é comum entre os cortadores de cana o trabalho em condições de saúde fragilizada. Segundo os trabalhadores entrevistados há casos em que a pessoa vai doente para o eito e lá, por não render o esperado, recebe ordens de voltar para casa ou procurar um posto de saúde próximo ao local de trabalho. Aquelas pessoas que permanecem no local de trabalho mesmo doentes, sentem o peso das cargas laborais²⁵ sobre sua saúde já bastante afetada. Sobre isso afirma Alves (2008, p.14) que:

A incerteza sobre o futuro imediato e sobre quanto receberão pelo trabalho executado faz que os trabalhadores, na ânsia de ganhar um pouco mais, ultrapassem seus limites físicos de resistência, o que leva a câimbras, a doenças e à morte. Porém, a questão é a quem cabe as responsabilidades pelas doenças e

²⁵ De acordo com Alessi & Navarro (1997, p.113), as cargas laborais são “o conjunto de elementos externos (físicos, químicos, mecânicos e biológicos) como internos (fisiológicos e psíquicos) presentes nos ambientes e nas condições de trabalho que interagem entre si e com o homem”.

mortes: aos trabalhadores, que necessitam ganhar mais em virtude da incerteza, ou aos capitalistas, que impõem esse processo de trabalho e essa forma de pagamento?

As palavras de Alves (2008) encontram eco naquilo que Karl Marx denominou “estranhamento”, em que o trabalhador, entre outros fatores, não se reconhece no trabalho que executa nem no produto final deste. Para ele:

Segundo leis da Economia Política o estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa de maneira que quanto mais o trabalhador produz tanto menos tem para consumir, que quanto mais valores cria tanto mais se torna sem valor e sem dignidade, que tanto melhor formado o seu produto tanto mais deformado o trabalhador, que tanto mais civilizado o seu objeto tanto mais bárbaro o trabalhador, que quanto mais poderoso o trabalho tanto mais impotente se torna o trabalhador, que quanto mais rico de espírito o trabalho tanto mais o trabalhador se torna pobre de espírito e servo da natureza (MARX apud ANTUNES, 1999, p. 124).

A atualidade das palavras de Marx pode ser vista quando é lançado um olhar sobre as estatísticas referentes à produção de açúcar e álcool seja no âmbito nacional seja nos âmbitos local e regional. Sabe-se que Alagoas é o maior produtor desses bens na região Nordeste, tendo superado, inclusive, o estado de Pernambuco. É na área dos Tabuleiros de São Miguel dos Campos que se encontram algumas das usinas mais modernas da região nordestina. Mesmo contando com uma desenvolvida infra-estrutura tecnológica em sua produção, com o apoio de um bom número de políticos e com um mercado externo bem receptivo (apesar de déficits trazidos pela atual crise financeira econômica), o setor agroindustrial canavieiro alagoano ainda faz com que haja em seus trabalhadores as formas mais degradantes de estranhamento. O trabalho do cortador de cana se converte em martírio necessário à sua sobrevivência, pois a irracionalidade presente no fato de o homem ter que trabalhar doze horas por dia no sistema 5/1 em um serviço que constantemente proporciona-lhe um crescente mal-estar físico e mental só pode levar o trabalhador a dizer que trabalha nisso porque é o jeito, porque não lhe são ofertadas outras oportunidades de emprego que lhe remunerem bem e que não tenham o grau de desgaste presente no corte da cana.

Conclusão

O intento do presente trabalho foi delinear o perfil dos cortadores de cana-de-açúcar do estado de Alagoas na contemporaneidade, buscando apreender os aspectos que encharcam o cotidiano laboral e social dos trabalhadores canavieiros de precariedade. Tal caráter se intensifica atualmente sob a forma de diversos mecanismos que atuam na exploração da força de trabalho do setor. No esteio do referido processo, pode-se demonstrar os diversos vértices que causam impactos às condições de vida dos canavieiros: se por um lado a desregulamentação do mercado de trabalho flexibilizou os contratos de trabalho – permitindo a contratação temporária dos trabalhadores, a diminuição dos encargos trabalhistas e proteções sociais e a possibilidade de supressão do pagamento das horas extras por meio da criação do *banco de horas* –, por outro lado a própria dinâmica do setor sucroalcooleiro configura um caráter temporário à atividade do corte da cana. O capital agroindustrial canavieiro além de se beneficiar da (des)regulamentação do trabalho que atua ao seu favor, ainda incorre em alternativas que intensificam a exploração do trabalho, tais quais: a desvalorização de uma força de trabalho já barateada, utilizando o pagamento “progressivo” por produção que impulsiona a produtividade da força de trabalho e sua própria exaustão; pela precarização dos próprios instrumentos de trabalho, uma vez que a aquisição dos mesmos é feita pelos próprios canavieiros ou descontado de seus salários; pelas práticas patronais de “premiações” que ao nosso ver estimulam o consentimento dos canavieiros na intensificação do ritmo de trabalho. Tais mecanismos, portanto, intensificam a precarização do trabalho, trazendo impactos não só às condições do trabalho dos canavieiros, mas também atingindo a sua saúde.

Esperamos, portanto, com o dado perfil, contribuir para o estudo das relações de trabalho na agroindústria açucareira alagoana, apreendendo alguns componentes que consubstanciam a categoria social abordada, o trabalhador canavieiro. Dada a amplitude da nossa pesquisa exploratória, que coletou informações a partir da entrevista com vinte e seis canavieiros, espera-se ampliar em um momento posterior as conclusões deste primeiro perfil e ao mesmo tempo contribuir para um estudo mais pormenorizado da precarização das relações de trabalho dos cortadores de cana alagoanos.

Referências

ALESSI, Neiry Primo; NAVARRO, Vera Lucia. *Saúde e trabalho rural: o caso dos trabalhadores da cultura canavieira na região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 13 (Supl. 2): 111-121, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v13s2/1368.pdf>.

ALVES, Francisco. *Processo de Trabalho e Danos à Saúde dos Cortadores de Cana*. Disponível em http://www.interfacehs.sp.senac.br/images/artigos/145_pdf.pdf. Acesso em 09/05/09.

ALVES, Francisco. *Por que morrem os cortadores de cana?* Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902006000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20/10/08.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1999.

CARDOSO JR., José Celso. *Crise e desregulação do trabalho no Brasil*. São Paulo: Tempo Social; Rev. Sociol., USP, 2001.

Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis/ONG Repórter Brasil. *O Brasil dos Agrocombustíveis: Impactos das Lavouras sobre a Terra, o Meio e a Sociedade - Cana-de-açúcar*. 2008. Disponível em: http://reporterbrasil.org.br/documentos/o_brasil_dos_agro_combustiveis_v3.pdf. Acesso em: 03/04/10.

DRUCK, Graça. e FRANCO, Tânia. *Terceirização: a chave da precarização do trabalho no Brasil*. In: NAVARRO, Vera Lucia e PADILHA, Valquíria. *Retratos do trabalho no Brasil*. Uberlândia: Edufu, 2009, p.225-254.

LIMA, Araken Alves de. *A agroindústria canavieira alagoana – Da criação do IAA à desregulamentação na década de 1990*. 2001. Dissertação. (Mestrado). UNICAMP. Campinas.

MARX, Karl. *O capital*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1(1), 1975.

_____. *O capital – Livro I – Capítulo VI (inédito)*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

NOVAES, José Roberto e ALVES, Francisco (Orgs.). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

PADRÃO, Luciano Nunes. *O Trabalho na Cana-de-açúcar: Reestruturação Produtiva e Novas Práticas Gerenciais*. Disponível em: http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v11n01/v11n01_14.pdf. Acesso em 11/12/08.

PLANCHEREL, Alice Anabuki; ALBUQUERQUE, Cícero Ferreira de; MELO, Sérgio Ricardo Gomes dos Santos. *Trabalho na Agroindústria Açucareira de Alagoas*. In: LATITUDE Revista do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2010 (no prelo).

SANTOS, Charles dos. “*Serviço Pesado*”: *Uma Análise das Condições de Saúde do Trabalhador Canavieiro Alagoano*. UFAL, 2009. Disponível em: www.xivciso.kinghost.net/artigos/Artigo_307.pdf. Acesso em: 20/03/10.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1999.